

O CENTENÁRIO DE JOSÉ DE MESQUITA, FUNDADOR DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Clóvis de Mello

I -

A 10 de março de corrente ano de 1992, a Academia Matogrossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso comemoram o centenário de nascimento de JOSÉ DE MESQUITA, membro Fundador destas entidades culturais, as mais antigas do nosso Estado.

JOSÉ DE MESQUITA nasceu em Cuiabá, a 10 de março de 1892, filho de José Barnabé de Mesquita (Sênior) e Maria Cerqueira de Mesquita.

Os dados colhidos no arquivo do pranteado Des. MESQUITA, por seu ilustre filho, Dr. Fernando de Mesquita, fornecem as seguintes informações:

1) - Dados Biográficos:

Nasceu a 10 de março de 1892, em Cuiabá, Capital do Estado de Mato Grosso, filho de José Barnabé de Mesquita (Sênior) e Maria Cerqueira de Mesquita.

Bacharel em Ciências e Letras, pelo Liceu Salesiano São Gonçalo de Cuiabá (1907) e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo (1913), tendo sido escolhido orador da turma.

Exerceu os cargos de Professor de Português da Escola Normal, Procurador Geral do Estado de Mato Grosso, Diretor da Secretaria do Governo, Juiz de Direito da Comarca do Registro de Araguaia, Professor da Faculdade de Direito de Cuiabá (Direito Constitucional) e Desembargador do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, que presidiu de 1930 a 1940, aposentando-se em 1945.

Após sua aposentadoria, dedicou-se à advocacia, tendo exercido, ainda, o cargo de Secretário Geral do Território Federal do Guaporé, hoje Rondônia, e Procurador Municipal da Prefeitura de Cuiabá.

Fundador da Academia Matogrossense de Letras, presidiu-a, ininterruptamente, desde sua fundação até o seu falecimento.

Representou o Tribunal de Justiça no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia (1936); o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Estado, no congresso Histórico Nacional (1938) e a Academia Matogrossense de Letras, no 1º Congresso das Academias (1936).

Foi condecorado pelo Papa Pio XI, com a Comenda da Ordem de São Silvestre, pelos serviços prestados à Ação Católica (1933) e foi condecorado, pelo Ministro da Guerra, com a Medalha do Pacificador, pelos serviços à Pátria (1960).

Faleceu no dia 22 de junho de 1961, em Cuiabá.

A respeito de seu falecimento, publicou o jornal "*O Estado de Mato Grosso*", de 23 de junho de 1961, a seguinte nota:

"De luto a inteligência matogrossense pelo falecimento, ontem, do Desembargador José de Mesquita. O féretro sairá da Academia Matogrossense de Letras, onde está sendo velado".

Por outro lado, o Tribunal de Justiça do Estado, pela Portaria nº 18/61, de 23 de junho de 1961, decretou luto oficial pela perda daquele que, durante 10 anos, exercera a Presidência do Egrégio Tribunal de Justiça.

Em homenagem póstuma aquele que muito fez por sua terra e sua gente, a Câmara Municipal de Cuiabá, pela Lei nº 600/61, de 08 de novembro de 1961, aprovou o projeto que dava a denominação de Rua Desembargador José de Mesquita à antiga Rua do Araés.”

2) - Dados Bibliográficos

- Poesias - Cuiabá - 1919
- Elogio histórico ao Dr. Antônio Corrêa da Costa - Cuiabá - 1921
- O Catolicismo e a Mulher - Cuiabá - 1921
- Elogio fúnebre do Dr. Caetano Manoel de Faria e Albuquerque Cuiabá - 1926
- Terra do Berço (poesias) - Cuiabá - 1927
- A Cavallhada (contos) - Cuiabá - 1928
- Um Paladino do Nacionalismo (elogio) - Cuiabá - 1929
- Semeadoras do Futuro (discurso) - Cuiabá - 1930
- Epopéia Matogrossense (poesias) - Cuiabá - 1930
- O Taumaturgo do Sertão (biografia) - Niterói - 1931
- O atentado contra a Justiça (tese de direito) - Cuiabá - 1932
- Espelho de Almas (contos) - Premiada pela Academia Brasileira de Letras - Rio de Janeiro - 1932
- João Poupino Caldas (ensaio biográfico) - Cuiabá - 1934
- O Sentido da Literatura Matogrossense (conferência) - 1937
- Pela Boa Causa (conferência) - Niterói - 1937
- Piedade (romance) - Cuiabá - 1937
- Relatório da Administração da Justiça - Cuiabá - 1937
- Manoel Alves Ribeiro (biografia) - Cuiabá - 1938
- O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso (discurso) - Cuiabá 1939
- De Livia a Dona Carmo (mulheres na obra de Machado de Assis) (ensaio) Cuiabá - 1939
- Professoras Novas para um mundo novo (discurso paraninfal) Campo Grande - 1940
- A Chapada Cuiabana (tese geográfica) - Cuiabá - 1940

- Nos Jardins de São João Bosco (discurso e conferências) - Cuiabá 1941
- O Exército, fator de brasilidade (discurso) - Rio - 1941
- A Academia Matogrossense de Letras (notícia histórica) - Cuiabá 1941
- Três Poemas da Saudade (poemas) - Cuiabá - 1943
- Bibliografia Matogrossense - Cuiabá - 1944
- Escada de Jacó (sonetos) - Cuiabá - 1945
- Roteiro da Felicidade (sonetos) - Cuiabá - 1946
- No Tempo da Cadeirinha (contos) - Cuiabá - 1946
- Os Poemas do Guaporé (poemas) - Cuiabá - 1949
- Imagem de Jaci (romance) - Cuiabá - 1948 (O presente romance não foi editado até o momento).

Além das obras acima mencionadas, colaborou em inúmeras revistas e jornais, tais como: **a)** O "*Cruzeiro*" de Cuiabá; **b)** O Onze de Agosto e a Revista da Faculdade de Direito de São Paulo; **c)** Revista da Academia Matogrossense de Letras; **d)** Revista do Instituto Histórico de Mato Grosso; **e)** Anais Forenses; **f)** Revista das Academias de Letras, do Rio de Janeiro; **g)** Aspectos e Cultura Política do Rio de Janeiro; **h)** Revista do Brasil, de São Paulo; **i)** Revista Nova, de São Paulo; **j)** Ilustração Brasileira, do Rio de Janeiro; **l)** O Malho, do Rio de Janeiro; **m)** Revista Civilização, de Campo Grande.

Jornais: O Povo, O Mato Grosso, Correio do Estado, Correio Matogrossense, O Democrata, A Cruz e O Estado de Mato Grosso, com as famosas crônicas "*Domingueiras*".

3) - Sociedades a que pertenceu:

1) Clube Minerva - Cuiabá; 2) Grêmio Olavo Bilac; 3) Centro Onze de Agosto - São Paulo; 4) Instituto Histórico de Mato Grosso - Cuiabá; 5) Centro Matogrossense de Letras - Cuiabá; 6) Instituto do Ceará (Correspondente) - Fortaleza; 7) Sociedade "*Rui Barbosa*" (sócio benemérito) -

Cuiabá; **8)** Grêmio “Castro Alves” (Presidente honorário) - Cuiabá; **9)** Academia Minerva de Letras (correspondente) - Belo Horizonte; **10)** Academia Pedro II (correspondente) - Rio; **11)** Academia Matogrossense de Letras (Presidente desde a fundação); **12)** Centro de Cultura Intelectual (correspondente) - Campinas; **13)** Instituto Rio-Grandense de Letras (correspondente) - Porto Alegre, **14)** Círculo Rio-Grandense de Difusão Literária (correspondente) - Porto Alegre; **15)** Grêmio “Rui Barbosa” (correspondente); **16)** Academia Rio-Grandense de Letras (correspondente) - Porto Alegre; **17)** Círculo Amigos de Marden (correspondente) - Espírito Santo; **18)** Grêmio Literário “Euclides da Cunha” (correspondente) - Muqui - Espírito Santo; **19)** Academia de Ciências e Letras de São Paulo (membro efetivo) - São Paulo; **20)** Academia Carioca de Letras (correspondente) - Rio de Janeiro; **21)** Federação das Academias de Letras do Brasil; **22)** Academia Paraense de Letras (correspondente) - Belém; **23)** Centro de Ciências, Letras e Artes (correspondente) - Campinas; **24)** Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; **25)** Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (correspondente) - São Paulo; **26)** Casa “*Humberto de Campos*” (correspondente) - Carolina; **27)** Instituto Genealógico Brasileiro (correspondente) - São Paulo; **28)** Instituto Heráldico Genealógico (correspondente) - São Paulo; **29)** Confraternité Universelle Balzacienne (correspondente) - Montevideú; **30)** Intercâmbio Cultural (membro efetivo) - Guiratinga; **31)** Instituto de Cultura Americana (sócio honorário) - Tolosa (La Plata) - Argentina; **32)** International Institute of American Ideals (membro honorário - correspondente) - Los Angeles - Estados Unidos da América; **33)** Grand Prix Humanitaire de Belgique (comendador “*Humberto de Campos*” - Vila Velha - Espírito Santo.”

II - MESQUITA - *o paladino das letras e incentivador da cultura.*

JOSÉ DE MESQUITA é o maior literato de Mato Grosso. Percorreu todos os gêneros literários e nos legou obra perene, valiosa, extensa e profunda. Figura na galeria dos grandes escritores brasileiros. Romancista, contista, poeta, historiador e cronista, MESQUITA foi o grande paladino das letras matogrossenses.

Jornalista, colaborador dos jornais editados nesta capital, dirigiu, por mais de vinte anos, o jornal "A CRUZ", da Arquidiocese de Cuiabá.

Exerceu a magistratura durante 27 anos (1918/1945), onze dos quais como Presidente do Tribunal de Justiça do Estado (1930/1940). Fundou, no Tribunal de Justiça, com o Des. Palmiro Pimenta, os "Anais Forenses do Estado de Mato Grosso".

Iniciou, em 1915, com Estêvão de Mendonça, sua profissão de advogado e a esta retornou, após aposentadoria na magistratura, em 1945.

Implantou, com outros ilustres mato grossenses, em 1919, por ocasião do bicentenário de Cuiabá, o Instituto Histórico de Mato Grosso, do qual foi Orador Oficial.

Para alargar os horizontes culturais do Estado, fundou, em 22/05/1921, com João Barbosa de Faria e Lamartine Ferreira Mendes cuja solene instalação se efetivou a 07 de setembro de 1922 e que se transformou, a 07 de setembro de 1932, em Academia Matogrossense de Letras.

Sua marcante presença, em maio de 1936, no Rio de Janeiro, no "Congresso das Associações Literárias", como Delegado da Academia Mato Grossense, valeu-lhe a Vice-Presidência daquele memorável conclave, presidido pelo Professor Fernando de Magalhães, representante da Academia Brasileira de Letras.

Foi por indicação de MESQUITA, a pedido de Afonso Costa, Presidente da Academia Carioca de Letras, que aquele Congresso aprovou a criação da "Federação das Academias de Letras do Brasil", em cuja presidência se encontra, hoje, o acadêmico Des. Antônio de Arruda, Membro da Academia Mato Grossense de Letras.

Criou, em 1992, a "*Revista do Centro Mato Grossense de Letras*", posteriormente transformada em "*Revista da Academia Mato Grossense de Letras*".

Paladino das letras e incentivador da cultura, MESQUITA era o mais assíduo colaborador da Revista cujos trabalhos de revisão, pessoalmente, executava.

Durante 40 anos, desde a fundação até o instante derradeiro, MESQUITA dirigiu a Academia Mato Grossense de Letras, a ela se dedicando com amor paterno. Daí a razão pela qual o querido confrade Lenine de Campos Póvoas, referindo-se ao nosso Fundador JOSÉ DE MESQUITA, disse que *“ele foi, enquanto viveu, o seu Presidente, coração e alma desta Academia”*

III - MESQUITA - O jornalista:

Relata Virgílio Corrêa Filho, em conferência proferida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a 26 de julho de 1961, que JOSÉ DE MESQUITA, desde muito cedo começara a escrever para o Jornal *“O Comércio”*, sob o título *“Notas Paulistas”*. Este jornal fora fundado, em 1910, por Estêvão de Mendonça e Amarílio Alves de Almeida. MESQUITA, estudante em São Paulo, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, remetia suas crônicas para Estêvão de Mendonça, versando fatos da Paulicéia. A respeito dessas crônicas, a nossa confreira Vera Randazzo, sucessora de MESQUITA na Cadeira nº 19 da Academia Matogrossense de Letras, revela tratar-se de um jovem - apenas 18 anos - que escrevia *“num estilo primoroso, num português castiço. Quem lia suas crônicas nos idos de 1910 como Estêvão de Mendonça, que lhas pedira, bem poderia prever que não era apenas um advogado que estava se formando, mas um grande literato, um grande jornalista que já estava pronto!”*

Todavia, JOSÉ DE MESQUITA começara desde muito antes, atividades jornalísticas, publicando seu primeiro trabalho no jornal *“O Cruzeiro”*, órgão do Clube Minerva, sob o título *“Trevas”*, na edição de 11 de abril de 1907, como referiu o saudoso confrade José Adolfo de Lima Avelino, em oração proferida a 05 de novembro de 1957, na Academia Matogrossense de Letras, na sessão comemorativa do cinquentenário de jornalismo de JOSÉ DE MESQUITA.

Em São Paulo, no período acadêmico, colaborou na revista do Centro Acadêmico "*Onze de Agosto*" e na Revista da Faculdade de Direito de São Paulo.

Em Cuiabá, foi diretor do Jornal "*O Povo*", no biênio 1916/1917, colaborou em "*O Mato Grosso*" e no "*Correio do Estado*". Dirigiu "*A Cruz*", no período de 1925 a 1953. Fundou e dirigiu as Revistas da Academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, bem como os "*Anais Forenses do Estado de Mato Grosso*".

Manteve, ainda, colaboração nos jornais: "*O Estado de Mato Grosso*", a "*Cruz*" e "*Combate*", com uma seção denominada "*Domingueiras*".

Colaborou, também, com publicações de outros Estados: "*Revista Ilustração Brasileira*", "*Gazeta de Notícias*" e "*Revista da Federação das Academias de Letras*".

Foi membro fundador da Associação de Imprensa de Mato Grosso. Na Sessão Magna "*In memoriam*" do Desembargador JOSÉ DE MESQUITA, promovida pela Academia Matogrossense de Letras, o Acadêmico Gervásio Leite proferiu, em nome da Associação de Imprensa de Mato Grosso, estas palavras memoráveis:

"Aquele formoso espírito que era a linfa vital desta casa, com os fulgores de sua inteligência de eleição, abriu-se desde logo, as emoções da criação artística, como poeta, romancista, cronista, historiador e jornalista e, ao longo de uma vida plena que se realizou integralmente, na fecundidade de uma pena que jamais se esgotou, trabalhou devotamente na seara do espírito, num labor que nem mesmo a pobreza da vida provinciana parada e pasmada, desestimulou ou tragou, na rotina do quotidiano que abafa as vocações mais vivas.

Jornalista ao longo de meio século, as páginas da nossa imprensa dão testemunho vivo dessa atividade em que Mesquita era o soldado das horas indormidas nos bastiões de uma fortaleza que jamais se rendeu ao jogo dos interesses escusos ou no silêncio dos que cedo desertam das agruras de sua missão. Nele, o jornalista viveu dia a dia os esplendores

de sua missão e as misérias do amargo ofício. Na defesa do seu ideário e nas lutas pelos princípios que sempre defendeu, era de uma bravura impressionante. Os poderosos e os que se pretendem poderosos repetidas vezes foram marcados com o ferrete de sua palavra potente e, assim, nesse meio século de atividades jornalísticas, fez da imprensa uma tribuna onde, passo a passo, ensinava e doutrinava pregando aos homens de boa vontade e ferreteando os maus e os injustos, conversando, como queria Rui Barbosa, "todas as manhãs para a rua", na mesma plenitude de franqueza com que se dirigisse para dentro de si mesmo, porque no seu espírito levava aquele "incêndio comunicativo da fé nos princípios" e "a paixão ignescente do ódio à tirania".

Jamais lhe salteou o espírito o comodismo dos seus interesses pessoais injustificados por aqueles que ele marcava com o signo indelével de sua palavra impressiva. Ao contrário, vezes sem conta, podíamos vê-lo na serenidade daqueles que lutando pela verdade não sentem as feridas que o fragor da luta lhes causam. Nunca cedeu, assim, às artimanhas dos poderosos que não lhe podendo calar a voz calavam fundo os seus interesses de cidadão e de pai de família. Ai então surgia, formidável, ao lado do jornalista, o jurista e a campanha que encetava ganhava brilho e majestade porque era o homem desarmado lutando, com destemor, pela verdade e pela justiça contra o poder dos poderosos que acabavam impotentes e destroçados pelo lutador que hoje revenciamos.

É que Mesquita compreendia o jornal como uma tribuna que só podia ser ocupada pelos nobres de espírito. A imprensa não devia ser o pasquim ou o vazadouro das injúrias atassalhantes e onde os homens que comandam a coisa pública desnudam-se expôndo as suas mazelas, num espetáculo muitas vezes repugnante. Para ele o jornal era a tribuna da verdade e, encantando com o brilho de sua

cultura, ensinava aquelas verdades eternas que não podem ser obscurecidas mesmo nesta época caótica de derrocadas. Para ele o jornal era uma escola e uma cátedra, não o órgão verrineiro que, nas suas colunas mofinas, faz da injúria e da calúnia o pão com que os pasquineiros se nutrem mas, o jornal que edifica, o jornal que dignifica, o jornal, enfim, que faz da instituição divina da palavra o instrumento ideal de crescimento e seleção do espírito humano.

O jornalista que assim prega, que assim edifica, que assim ensina, é aquele que Rui denominou "mestre de primeiras letras", "catedrático da democracia em ação", "advogado", "censor", "familiar" e "magistrado". E assim foi o confrade ilustre que a morte nos roubou, cujo convívio a todos encantava pelas maneiras cavalheirescas, pela amenidade do trato, pelos requintes da cortezia que faziam dele um "gentleman" no mais nobre e elevado sentido da palavra.

Mestre das letras e da imprensa devemos recordá-lo na plenitude de sua vida que o destino permitiu que ele realizasse plenamente, e que se eternizasse nos seus filhos os exemplos que deu a sua terra e aos homens de seu tempo."

IV - MESQUITA - O historiador:

Orador Oficial do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, coube a JOSÉ DE MESQUITA fazer o elogio histórico de diversas personalidades, tais como: Dr. Antônio Corrêa da Costa, Arcebispo D. Carlos Luís d'Amour, Modesto de Melo, General Caetano de Albuquerque, Prof^o João Pedro Gardez, Naturalista Carlos Lindmann, Manuel Amarante e Otávio Pitaluga, Des. Luís da Costa Ribeiro, Bispo D. Antônio Malan, Gal. Malan D'Angrogne.

Conforme assinala Virgílio Correa Filho, na conferência já citada, proferida a 26/07/61, “a tarefa (de Orador Oficial do Instituto) exigia-lhe pesquisas, a que se entregou cada vez mais acuradamente, conforme evidenciou magnífica série de ensaios de real valia histórica. Para firmar os fundamentos da *“Genealogia Cuiabana”*, considerou diversos ramos - *“André Gaudie Ley”* - *“Nobiliário Matogrossense”* - *“Corrêa da Costa”*, *“Prados e Figueiredos”*, *“Alves Corrêa e Moreira Serra”*, *“Mesquita Muniz e Pinhos e Azevedo”*, títulos em que se desdobravam as suas percucientes investigações pelos arquivos públicos e eclesiásticos, em que tinha fácil acesso, como por igual aos cartórios.

Em biografias separadas, tratou, de *“Um homem e uma época”* - *“Monsenhor Bento Severiano da Luz”*, que o Instituto Histórico admitiu na classe de sócio correspondente, de João Poupino Caldas e Manuel Alves Ribeiro, dois caudilhos de inquieta liderança regional, do Taumaturgo do Sertão (frei José M. Macerata), que logrou fama de santidade, propagada pelo povo.

Além dos temas individuais, também versou, com análoga perspicácia, outros, de ordem geral, como *“Grandeza e Decadência da Serra Acima”*, *“As Metrópoles Cuiabanas”*, *“Os Jesuítas em Mato Grosso”*, *“A Chapada Cuiabana”*, *“Ensaio de Geografia Humana e Econômica”* oferecido ao *“IX Congresso Brasileiro de Geografia”*, *“Gente e coisas de antanho”*, série de encantadoras crônicas, a exemplo de Vieira Fazenda, que se estenderam por vários números da Revista.

As suas contribuições, indicadas de espírito pesquisador, recomendaram-no à atenção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que o acolheu jubilosamente.

Ao tomar posse da cadeira de correspondente em 1939, o discurso que proferiu, acerca de *“O Sentimento de Brasilidade na História de Mato Grosso”*, evidenciou-lhe não somente os anseios do civismo e conhecimento do passado, como ainda os dotes oratórios, cultivados nas tribunas que freqüentava, principalmente em Cuiabá, do pretório à Academia e ao Instituto.

No dia 10 de março de 1992, ao comemorar o centenário de seu egrégio Fundador, a Academia Matogrossense de Letras está lançando a reedição de obras de JOSÉ DE MESQUITA, reunindo, num único volume, sob o título "*Genealogia Matogrossense*", as obras anteriormente nominadas "*Nobiliário Matogrossense*" e "*Genealogia Cuiabana*".

Estes trabalhos de levantamento genealógico dão bem a dimensão das investigações a que se dedicou MESQUITA, na seara da genealogia e da história, no estudo acurado da origem e da formação das tradicionais famílias cuiabanas e mato-grossenses.

Sob o sugestivo título "*Gente e Coisas de Antanho*", o Prof^o Carlos Rosa fez editar, em 1978, sob o patrocínio da Prefeitura Municipal de Cuiabá, alguns escritos de JOSÉ DE MESQUITA, publicados inicialmente em jornais cuiabanos e, posteriormente, inseridos em Revistas do Instituto Histórico de Mato Grosso, de 1925 a 1954.

Através destes trabalhos, podemos visualizar as pesquisas realizadas por MESQUITA para esmiuçar as "*coisas de antanho*", num estilo leve, agradável e com um fino traço de ironia.

V - MESQUITA - Romancista, contista, cronista e ensaista:

Como romancista, JOSÉ DE MESQUITA nos legou o romance cuiabano "*Piedade*".

Na visão de Amidicis Tocantins - "*Reminiscências - JOSÉ DE MESQUITA (Polígrafo e homem de bem)*"::

"Na literatura dita de ficção - romance e conto - ninguém o sobrepujou em nosso Estado, alcançando da imprensa indígena e da crítica nacional encomiásticas referências. Com efeito, foi mestre no romance cuiabano que

é "Piedade" - o primeiro da trilogia "Piedade", Fé e Caridade" que, infelizmente, não se concretizou. - Está repleto do bom provincianismo cuiabano, da sutilíssima psicologia humana, da alma encantadora das ruas e logradouros da "Cidade Verde". Alia-se, ali, o pitoresco descritivo da linguagem, técnica hábil, engenhosa, de pessoa que revela alta dose de sentimento artístico na concepção de uma obra prima.

Em seus livros de contos "A Cavallhada", "Espelho de Almas" e "No Tempo da Cadeirinha", nota-se a mesma linha de encanto estético que manobra através da criação dos vários personagens de virtudes provincianas sob esplêndida roupagem literária.

Grangeou nomeada não só como ficcionista, mas ainda, como ensaísta e biógrafo, autor de livros como "A Chapada Cuiabana", "de Livia a Dona Carmo" (as mulheres na obra de Machado de Assis), "Um taumaturgo do Sertão", "Augusto Leverger, o bretão cuiabanizado", "João Poupino Caldas", "Manuel Alves Ribeiro" e outros trabalhos monográficos."

VI - MESQUITA - Advogado, magistrado, jurista emérito e orador consagrado:

JOSÉ DE MESQUITA conquistou sólida formação jurídica, na Faculdade de Direito de São Paulo, onde colou grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Turma de 1913.

Sua paixão pela profissão de advogado, ele a herdou de seu pai José Barnabé de Mesquita (Sênior), que fora advogado nos auditórios da Comarca de Cuiabá. O exercício da profissão de advogado era uma permanente homenagem à memória de seu pai, que perdera quando tinha, apenas, cinco meses de idade.

Iniciando-se, em 1915, na profissão de advogado, sob orientação de Estêvão de Mendonça, foi posteriormente nomeado Procurador-Geral do Estado de Mato Grosso.

Ingressando na magistratura, foi Juiz de Direito da Comarca de Registro do Araguaia e, posteriormente, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado.

Na antiga Faculdade de Direito de Cuiabá (1934/1937), foi Professor da Cadeira de Direito Constitucional.

Quando se aposentou no Tribunal de Justiça (1945), retornou às lides forenses, tendo sido Procurador da Prefeitura Municipal de Cuiabá.

A fase áurea de sua judicatura, exerceu-a no Tribunal de Justiça, quando proferiu numerosos votos e publicou trabalhos jurídicos nos "Anais Forenses do Estado de Mato Grosso", destacando-se como representante de nosso Estado, no Congresso Nacional de Direito Judiciário e na Conferência Brasileira de Criminologia.

O saudoso Prof^o Nilo Póvoas, referindo-se à formação jurídica de MESQUITA e ao exercício de sua judicatura, prestou este significativo depoimento:

“Na complexa individualidade de JOSÉ DE MESQUITA, vários aspectos se nos impõem à consideração. Um deles, porventura o mais expressivo da sua formação espiritual, foi o seu culto apaixonado das letras jurídicas, a que se entregara com o fervor de um asceta, levado por instinto puramente vocacional. Formado pela célebre Faculdade de Direito de São Paulo, que criou e nutriu uma luzida plêiade de eminentes juristas, de lá trouxe o jovem bacharel o espírito forrado por uma sólida cultura jurídica que lhe permitiu consagrar-se lídimo propugnador da justiça, na aplicação das normas do Direito e conservar, na presidência da mais alta Corte Jurídica do Estado, as gloriosas tradições de austeridade do nosso antigo Tribunal da Relação.

Como distribuidor de justiça, foi ele de um comportamento exemplaríssimo. Não o movera jamais a paixão política que sói, por vezes, arrastar os magistrados a iniquidades, à precaricação e à desonra. As decisões e as suas sentenças, escrevia-as ele com a mão na consciência e os olhos no Juiz Supremo. Eram-lhe elas ditadas pela razão e baseadas, invariavelmente, na lei e no direito. Nunca o vimos vacilar no cumprimento de seus deveres funcionais. Bem compenetrado se achava de que na soberania do Poder Judiciário é que reside a força da autoridade civil e que esta soberania se assenta na integridade dos seus juizes."

Em artigo publicado no jornal "Diário de Cuiabá", em 20/11/1990, o eminente Des. Antônio de Arruda assim se manifestou:

"Em 1937, encontravam-se no Tribunal os Desembargadores JOSÉ DEMESQUITA, Armando de Souza, Amarílio Novis, Otávio da Cunha Cavalcanti, Palmiro Pimenta, José Vieira do Amaral, Oscarino Ramos, José Otilio da Gama e Olegário Moreira de Barros. Eram nove Desembargadores, mas esse número foi reduzido a sete pela Constituição Estadual, promulgada nesse ano, sendo postos em disponibilidade os dois mais modernos - Vieira do Amaral e Olegário de Barros.

O Presidente do Tribunal era JOSÉ DE MESQUITA, que vinha exercendo o cargo desde 1930, tendo sido reeleito nos períodos seguintes, até dezembro de 1940. Ocupou assim a presidência durante onze anos consecutivos e neste ponto só perdeu para o Desembargador João Martins França, que foi Presidente do Tribunal durante doze anos, a partir de 1895. No começo de 1937, JOSÉ DE MESQUITA, no exercício da presidência, teve de enfrentar os excessos das paixões que dominavam o ambiente. Acompanhei o julgamento do rumoroso processo de "impeachment" contra

o Governador Mário Corrêa, cujos partidários tentavam tumultuar as sessões. Numa delas, MESQUITA resolveu suspender o julgamento e requisitar força federal para garantir o funcionamento da Justiça, atitude que concorreu para a intervenção federal no Estado, reclamada pelos adversários do Governador. MESQUITA conseguiu superar com dignidade a agitação daqueles dias e pode prosseguir no exercício das funções em que demonstrou notável aptidão para a liderança. Acredito que foi com o desempenho dessa presidência e da outra, mais longa ainda, da Academia Mato-Grossense de Letras, cujos destinos dirigiu por mais de quarenta anos, que JOSÉ DE MESQUITA aprimorou seus dotes inatos de sociabilidade.”

Orador consagrado, MESQUITA a todos conseguia “convencer, persuadir e deleitar”

O mestre Isaac Póvoas destaca em MESQUITA as suas qualidades oratórias, com as seguintes referências:

“Notável foi sem dúvida alguma a atuação desse primoroso homem de letras na arte sublime da oratória. Dificilmente poder-se-á dizer em que ramo do saber humano foi ele maior: se como poeta, como jornalista, como orador ou ainda como contista. Em todas as modalidades em que se manifestem os pensamentos e os sentimentos e da sua erudição. Na tribuna como na poesia, o nosso saudoso conterrâneo começou cedo, visando, naturalmente, atingir cedo à Perfeição. Desde a sua adolescência, o seu nome já figurava como orador dos clubes em que a mocidade de sua época ensaiava os seus passos vacilantes na senda das letras. Com essa sede de saber, cresceu, frondejou como árvore plantada em terreno fértil. Foi às culminâncias das letras, igualando-se aos melhores. De sua vastíssima bagagem oratória, destacamos, pela sua merecida repercussão, “O Sentimento

de Brasilidade na História de Mato Grosso”, discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; *“Professoras Novas para um Mundo Novo”*, discurso paraninfal, em Campo Grande; *“Nos Jardins de S. João Bosco”*, discurso e conferências, São Paulo; *“O Exército, fator de Brasilidade”*, discursos, Rio de Janeiro.”

VII - MESQUITA - O Poeta

Seria imperdoável se neste rápido bosquejo sobre a vida e obra de JOSÉ DE MESQUITA não nos detivéssemos na sua pujante veia poética.

A obra poética de MESQUITA foi extensa: *“Poesias”*, *“Terra do Berço”*, *“Da Epopéia Matogrossense”*, *“Poemas do Guaporé”*, *“Escada de Jacó”*, *“Roteiro da Felicidade”* e outras produções esparsas.

Poeta de rara sensibilidade, ia do parnasianismo ao modernismo, num permanente culto à mulher e com uma impetuosidade sempre ardente.

A respeito da obra poética de MESQUITA, disse a acadêmica Vera Randazzo:

“Sobre a mulher, tem tanta delicadeza, tanto respeito ou tanto amor, que mesmo se às vezes vai além às regiões perdidas da alma e busca os frêmitos mais íntimos, o faz de tal forma que mesmo a sensualidade que se evola dos seus sonetos de amor, não cospurca nunca a imagem feminina, pois é sempre puro e autêntico amor, é sempre belo na emoção.”

(Discurso de posse, em 10/03/1982)

Nesta oportunidade, transcrevemos um soneto de MESQUITA, que, num concurso promovido pela Revista *“Ilustração Brasileira”*, figurou entre os dez melhores sonetos do Brasil:

“ASCENÇÃO”

*“Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,
Sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
Cheia de abismos maus, que abrem faces escuras,
Vai a estrada coleando, em busca da esplanada.*

*“Sobes. E na ascensão, entre angústia e torturas,
Tons de ira e de despeito, apôdos e assuada,
Vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...*

*“Hás de sempre encontrar luzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.*

*“Lá bem alto cintila a estrela da bonança
e além, teu coração, mais do que a vista alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.*

VIII - A figura humana de JOSÉ DE MESQUITA:

Meu saudoso pai, Virgílio Corrêa de Mello, cujo centenário de nascimento se comemora a 1º de março de 1992, e que por cinquenta anos labutou nas lides forenses, foi contemporâneo, amigo e admirador de JOSÉ DE MESQUITA, por quem nutria a mais profunda veneração.

MESQUITA era um “gentleman”, tal como o descreveu Gervásio Leite. Quando se encontrava com meu pai, sempre procurava saber de seus filhos, especialmente do “orador mirim” da Escola Modelo “Barão de Melgaço”, que é o humilde autor deste esboço sobre a vida e obra do grande varão matogrossense. A mim, sempre dirigia MESQUITA palavras de carinho e de incentivo. Gostava de incentivar os jovens.

JOSÉ DE MESQUITA era nobre nos gestos, nas palavras e na ação. Tranquilo e sereno, nobre e justo, alegre e afável, possuidor de imensa cultura jurídica e literária, MESQUITA sabia tratar com a mesma fidalguia, humildes e poderosos.

Casou-se em primeiras núpcias, em 1915, com D. Anna Jacintha Pereira Leite. O casal teve oito filhos, três dos quais faleceram em tenra idade.

Consoiciou-se em segundas núpcias com D. Laura Pereira Leite, em 1942, de quem houve um único filho.

MESQUITA, católico praticante, amigo, confiante e aparentado com D. Aquino Corrêa, era profundamente devotado à família.

Apaixonado por sua terra e sua gente, MESQUITA devotou-se de corpo e alma na tarefa hercúlea de liderar as atividades culturais em Mato Grosso, arrostando todas as dificuldades que as circunstâncias lhe impunham. Venceu todos os obstáculos e conseguiu consolidar as duas grandes instituições que fundou: o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a Academia Matogrossense de Letras.

Manteve assíduo intercâmbio com as instituições do País e do Exterior, sem prejuízo das atividades decorrentes do exercício da judicatura ou da profissão de advogado.

A "*Casa Barão de Melgaço*" foi doada ao Instituto Histórico e, ao então Centro Matogrossense de Letras, graças à sua pertinácia na consecução dos ideais a que devotou sua vida (Decreto nº 01, de 23/11/1930). A escritura de doação, datada de 15/04/1931, trás as assinaturas de Dom Aquino e de MESQUITA, que representaram as instituições donatárias. O doador, o Estado de Mato Grosso foi representado pelo Interventor Federal, Cel. Antônio Menna Gonçalves.

Pela Lei nº 1.079, de 21 de julho de 1930, o "*Centro Matogrossense de Letras*" já fora declarado de utilidade pública pelo Dr. Anibal Benício de Toledo, Presidente do Estado.

Faço estas referências, porque na Sessão Magna de inauguração da "Casa Barão de Melgaço", realizada a 24 de junho de 1931, sob a Presidência de honra de D. Aquino Corrêa, quem mais exultou foi JOSÉ DE MESQUITA, nosso Presidente perpétuo, que ali foi "o coração e a alma da Academia" e que dali, cercado do respeito e da veneração do povo matogrossense, haveria de partir para a derradeira morada.

MESQUITA não morreu! Sua vida e sua obra viverão eternamente, para exemplo das gerações porvindouras!